As Relações Civis Militares na transição espanhola e seus impactos na profissionalização da atividade de inteligência

Las Relaciones Civiles Militares en la transición española y su impacto en la profesionalización de la actividad de inteligencia

Priscila Carlos Brandão[1]
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Este trabalho realiza uma análise do processo de reinstitucionalização do sistema de inteligência na Espanha no período posterior à transição para a democracia, considerado a partir do desafio profissional da construção de um órgão de inteligência legítimo, flexível, capacitado e analiticamente relevante. Algumas questões principais norteiam a discussão: quais impactos foram produzidos pelo processo de redemocratização no país e pelo fim da Guerra Fria, no desempenho da atividade? Como foi implementado o processo de profissionalização dos analistas de inteligência? Quais mecanismos institucionais relevantes foram criados para regular a atividade de inteligência? Os principais parâmetros a serem utilizados no trabalho estarão relacionados às intenções dos atores, ao contexto, e às regras do jogo político. Desta forma, serão analisadas as características organizacionais do sistema nacional de inteligência, à luz dos impactos do processo de transição; as ênfases operacionais (interna/externa, análise/repressão, inteligência/ contra-inteligência), bem como os mecanismos de recrutamento, treinamento e perfil de seus oficiais.

Palavras-chave: Inteligência; transição; Espanha.

Resumen

En este trabajo se realiza un análisis del proceso de reinstitucionalización del sistema de inteligencia en España en el período posterior a la transición a la democracia, considerada desde la perspectiva profesional de la construcción de una agencia de inteligencia legítima, flexible, hábil y analíticamente pertinente. Algunas preguntas claves guían la discusión: ¿qué impactos fueron producidos en el desempeño de la actividad por el proceso de democratización en el país y para el final de la Guerra Fría? ¿Cómo se ha desarrollado la profesionalización de los analistas de inteligencia? ¿Qué mecanismos institucionales pertinentes fueron creados para regular la actividad de inteligencia? Los principales parámetros que se utilizarán en el trabajo están relacionados con las intenciones de los actores, el contexto y las reglas del juego político. Por lo tanto, serán analizados las características organizativas del sistema de inteligencia nacional a la luz de los impactos del proceso de transición; los énfasis operacionales (interno/externo análisis/represión, inteligencia/contra-inteligencia), así como los mecanismos de contratación y formación, y el perfil de sus funcionarios.

Palabras Clave: Inteligencia; Transición; España.

● **Enviado em: 01/11/2011**
● **Aprovado em: 28/11/2011**

[1] Pós-Doutora em Ciência Política, professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, e coordenadora do Centro de Estudos Estratégicos e Inteligência Governamental da Universidade Federal de Minas Gerais (CEEIG/UFMG).

Este texto é parte integrante de minha pesquisa de Pós-Doutorado, que contou com apoio da CAPES e Fundação Carolina (2011/2012)

I - Introdução:

A gênese do atual serviço de inteligência espanhol remonta à antiga *Organização Contrasubversiva Nacional* (OCN), criada no governo de Franco, como órgão de apoio ao controle dos considerados "movimentos subversos". Sua criação foi uma resposta à pressão exercida pelo movimento estudantil em 1968, influenciado pelos protestos e mobilizações surgidos na França, em atendimento às demandas do ministro da Educação e Ciência, Villar Pilasi[2].

Criado unicamente em função da luta "anti-subversiva" no meio universitário, surgiu timidamente, contando com pouco efetivo e recursos. O coronel Inácio San Martin seria o responsável pelo empreendimento, composto por um pequeno e seleto grupo de oficiais procedentes do Serviço de Contra-Espionagem do Exército de Terra[3]. No fim dos anos de 1960 a OCN seria responsável por fornecer as bases de uma doutrina anti-subversiva muito simples: "*Se basaba en el hecho comprobado de que la soberanía española estaba amenazada desde el exterior por fuerzas organizadas que pretendían interferir en los asuntos internos con medios insidiosos y violentos*"[4].

No intervalo de dois anos a OCN multiplicou seus poderes e adquiriu grande visibilidade no governo franquista. No entanto, paralelamente, seu condutor também ganhou muitos inimigos, o que o obrigou a se resguardar e criar o maior número de garantias possíveis. Neste sentido, ainda em 1971, San Martin decidiu reorganizar o órgão e tornar pública parte de sua estrutura. Destas alterações surgiria o novo órgão responsável pela produção de informações que visavam desarticular os movimentos "subversivos" e quaisquer outros tipos de oposição: o *Servicio Central de Documentación* (SECED).

O SECED foi criado em 13 de março de 1971, ainda sob o comando de San Martin, com parte de sua organização pública, e parte secreta: o setor operacional. Dado seu crescimento e a oferta de informações produzidas por San Martin, quem alimentava Carrero Blanco[5] de informações tanto sobre a subversão, quanto sobre seus oponentes políticos, o órgão foi criado subordinado ao Ministério do Interior (com quem tinha enorme rivalidade), mas sob a proteção do vice-presidente. Com o objetivo único de vigiar os espanhóis, nunca teve interesse em produzir informações externas, bem como contava com um sistema pífio de contraespionagem[6].

---

2 FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, p.147.

3 San Martín era um especialista em criptografia do Alto Comando, quem havia decifrado telegramas emitidos pelo Marrocos ainda na década de 1950. Para maiores informações ver: ALMENARA, Vicente. *Los Servicios de Inteligencia em España: de Carrero Blanco a Manglano.* Madrid, Arco Press, 2010.

4 ALMENARA, Vicente. *Los Servicios de Inteligencia em España: de Carrero Blanco a Manglano.* Madrid, Arco Press, 2010, p. 52.

5 Vice-presidente do governo da Espanha no fim da ditadura franquista, assassinado por etarras em dezembro de 1973.

6 Para esta discussão ver: RUEDA. *La Casa: el Cesid, agentes, operaciones secretas y actividades de los espias españoles*. E. Temas de Hoy. Madri, 1993; MEDINA, Francisco. *Las sombras del Poder. Los Servicios*

O SECED possuía autonomia e uma opinião própria do que politicamente deveria mudar na Espanha. Atento aos acontecimentos políticos, visíveis em um sistema já tão debilitado, San Martin procurou se antecipar à morte de Franco, como forma de preservar algumas características do movimento franquista. Tratou de se aproximar dos movimentos de oposição, identificando suas demandas e promovendo negociações. Deste modo não apenas ficava a par do que ocorria no país, mas também influenciava o rumo dos acontecimentos. A estratégia seria "mudar para preservar".

No entanto, o poder de San Martín acabaria juntamente com a morte de seu protetor. Em 20 de dezembro de 1973 o grupo separatista ETA voou Carreiro Blanco pelos ares, ganhando uma projeção até então inimaginável. No lugar de Blanco assumiu Arias Navarro, quem tinha enorme rivalidade com San Martín. Menos de um mês depois da morte de Carrero, aos 17 de janeiro de 1974, San Martin foi substituído pelo coronel Juan Valverde.

Valverde conseguiu reverter a seu favor a indisposição que havia contra ele dentro do centro no momento de sua chegada, pois se aproveitando da íntima relação com Arias Navarro, teria aumentado espetacularmente tanto a quantidade de equipamentos, quanto o seu número de oficiais[7]. Não obstante, em termos de condução dos membros, quem tomou as rédeas do órgão foi o coronel Andrés Cassinelo, que traçou novas orientações doutrinárias, procurando imprimir tanto uma aceitação do processo de transição enquanto fato consumado, quanto uma necessidade de adequação ao regime que seria inaugurado. Para Cassinelo a transição não apenas era uma realidade, como caberia ao órgão contribuir para a sua promoção[8].

Não obstante as contratações realizadas, a política conduzida por Cassinelo, que visava realmente produzir mudanças, causou enorme desconforto dentro do SECED, provocando uma autodepuração do órgão. Muitos militares que eram contrários à abertura voltaram para suas funções de origem. O rombo provocado por esta evasão foi tão significativo, que quando o órgão precisou articular operações visando assegurar a tranquilidade no país no momento em que ocorresse a iminente morte de Franco, o SECED teve que desenvolver uma atuação conjunta envolvendo os Ministérios do Interior e o Alto Estado Mayor[9].

Entretanto, a adoção de medidas para adaptar-se ao processo de transição não implicou que o SECED não se envolveria mais na vigilância ao sistema político, pois o ano de 1975 havia sido extremamente tumultuado para a Espanha, considerando a forte instabilidade política, os conflitos sociais, as várias ações terroristas produzidas pelo ETA, e a própria morte de Franco. Neste

---

Secretos de Carrero a Roldán. Madrid, Espana Hoy, 1995; GRAU, Anna. *De como La CIA elimino a Carrero Blanco y nos metió en Irak.* Madrid, Editorial Destino, 2011.

7 MEDINA, Francisco. *Las sombras del Poder. Los Servicios Secretos de Carrero a Roldán.* Madrid, Espasa Hoy, 1995, p.39.

8 NUMERIANO, Roberto. *Serviços secretos: a sobrevivência dos legados autoritários.* Recife, Editora UFPE, 2007, p.145.

9 URBANO, Pilar. *Yo entré enel CESID.* Madrid, Plaza & Janés, 1997, 125

processo, a elite militar que disputava espaços políticos de poder dentro do Estado protagonizou uma disputa interna pela hegemonia na condução dos órgãos de inteligência, não necessariamente antagonizando civis e militares pelo controle da comunidade, mas os próprios militares[10]. A morte do franquismo chegaria quase dois anos depois de seu criador, e o SECED seria extinto simplesmente pela chegada do novo regime.

Em termos de formação, o SECED teria contado com influência de alguns países, sobretudo Estados Unidos e Israel, por meio da CIA e do Mossad, respectivamente. Segundo o próprio San Martín (1983), os espanhóis teriam aprendido parte de seu trabalho principalmente com métodos e tecnologias norte-americanas[11]. Com eles aprenderiam técnicas de guerrilha urbana e de combate à subversão, e deles seriam os primeiros aparelhos capazes de interceptar as comunicações telefônicas e os microfones que utilizariam na pequena mesa instalada na própria sede da empresa de telefonia[12]. Outra importante fonte seria a Alemanha, para onde agentes seriam enviados para assistir cursos de operações especiais e para aprender a manusear e produzir equipamentos específicos para o exercício de seguimento e vigilância.

Em 1976 o coronel Andrés Cassinelo assumiu definitivamente o órgão, com a função de prepará-lo para sua mudança, na medida em que haveria eleições para presidente e a maioria dos partidos estaria legalizada. Para esta transição teria escolhido os melhores oficiais das forças armadas, em sua maioria diplomados do Alto Estado Mayor, que contavam com licenciaturas universitárias, conheciam outros idiomas e que haviam realizado cursos no exterior. Em julho de 1976 Adolfo Suárez foi nomeado presidente. Naquele momento já havia sido produzido pelo SECED um informe no qual eram apresentadas as reivindicações do próprio centro em relação à sua necessidade de modernização e definição de seus novos objetivos. Neste momento Cassinelo propunha o desaparecimento do órgão do qual era responsável, e a criação de outro que se adequasse às novas circunstâncias políticas, o que contava com o apoio do novo presidente e do futuro Ministro da Defesa, general Gutierrez Mellado, um dos homens fortes do processo de transição: "*En una democracia tenía poco sentido controlar y hasta actuar contra los partidos políticos*"[13]. Claro que esta não era uma opinião generalizada do órgão, pois mesmo depois de alguns radicais deixarem o SECED, ainda haviam ficado muitos outros que seriam refratários à transição.

---

10 NUMERIANO, Roberto. *Serviços secretos: a sobrevivência dos legados autoritários.* Recife, Editora UFPE, 2007, p.89 MARTIN, José Ignácio de. Servicio Especial. A las ordenes de Carrero Blanco. Barcelona, Editorial Planeta, 1983.

11 MARTIN, José Ignácio de. Servicio Especial. A las ordenes de Carrero Blanco. Barcelona, Editorial Planeta, 1983.

12 MARTIN, José Ignácio de. Servicio Especial. A las ordenes de Carrero Blanco. Barcelona, Editorial Planeta, 1983, p.145.

13 MEDINA, Francisco. *Las sombras del Poder. Los Servicios Secretos de Carrero a Roldán.* Madrid, Espasa Hoy, 1995, p.68.

Para dar andamento a este processo de reestruturação, o general Gutierrez Mellado convocou não apenas Andrés Cassinelo, mas também o chefe da divisão de inteligência do Alto Estado Mayor, Manuel Vallespín. Neste ato comunicou sua decisão de fundir as duas organizações em uma, e solicitou-lhes que preparassem um ante-projeto que estabelecesse as linhas gerais deste novo organismo[14]. Vale destacar que apesar de serem órgãos similares, o SECED e a Divisão desenvolviam funções totalmente distintas, o que causou desconforto e demora na elaboração do projeto, dada a dificuldade de diálogo. Por um lado, o órgão de Vallespin desenvolvia suas funções na mais estrita disciplina militar e refletia hegemonicamente uma determinada ideologia. Segredos sobre produção, aquisição e detenção de armamento de guerra, produção de informações sobre forças armadas externas (por meio de uma tímida presença no exterior, através de seus adidos militares nas embaixadas), e um setor considerado de extrema importância, responsável pela contraespionagem, estruturado com apoio norte-americano[15]. Estes homens não guardavam nenhum tipo de relação com as funções desenvolvidas pelos agentes do SECED, com os quais demonstravam, inclusive, algum desprezo. Seus membros eram considerados militares de escasso espírito militar e eram condenados por suas relações internas com a política[16]. Neste sentido é possível compreender as dificuldades que os dois responsáveis pelo pré-projeto atravessaram, e o que atrasou sua elaboração orgânica. Digo orgânica porque, não podendo seguir o ritmo lento desta elaboração, Suárez e Mellado, aos 04 de julho de 1977, apresentaram a nova estrutura administrativa do Estado, na qual se criava o Ministério da Defesa e a ele subordinado, o Centro Superior de Informação de Defesa (CESID)[17]. Para tanto o governo fixou o prazo de 04 de novembro para que a comissão encerrasse seus trabalhos. O CESID deveria deixar de ser um órgão orientado para o combate à subversão, e se tornar um centro de análise a serviço do Estado.

Os dois responsáveis tinham muitas resistências em relação ao novo órgão, cujas incertezas foram ainda balançadas pela segunda depuração promovida no centro: a legalização do Partido Comunista Espanhol (PCE). Tal ato deixou muitos militares atônitos, que não acreditavam no que consideraram uma falta de palavra do presidente Adolfo Suárez, e uma traição do Ministro da Defesa, Gutierrez Mellado. Naquele período, quase a totalidade dos membros do CESED eram militares e não ficaram nada satisfeitos com a decisão. Infiltrar agentes, controlar e reprimir as organizações comunistas havia sido a razão de ser do próprio órgão, e por extensão, de seus

[14] MEDINA, Francisco. *Las sombras del Poder. Los Servicios Secretos de Carrero a Roldán.* Madrid, Espasa Hoy, 1995, p.69.

[15] ALMENARA, Vicente. *Los Servicios de Inteligencia em España: de Carrero Blanco a Manglano.* Arco Press, Madrid, 2010, p.237.

[16] ALMENARA, Vicente. *Los Servicios de Inteligencia em España: de Carrero Blanco a Manglano.* Arco Press, Madrid, 2010, p.237.

[17] FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p.189.

funcionários. Cassinelo também havia apoiado a decisão de Suarez, e juntamente com Mellado manteve uma postura firme no sentido de tranquilizá-los e convencê-los. Não obstante, a perda de sentido para o trabalho afetou vários de seus membros a ponto de pedirem sua baixa ou transferência. Segundo Medina, cerca de 30% dos membros teria abandonado o cargo[18]. Do restante, alguns poucos tinham convicções democráticas e apoiavam a pluralidade partidária sem exceções, e uma boa parte ficou no órgão, com algum grau de revolta e de resiliência.

O período se tornaria ainda mais conturbado naquele ano eleitoral (em 15 de junho ocorreram as primeiras eleições desde 1936), face à onda de atentados terroristas provocados pelo ETA, sobretudo sobre alvos militares. A revolta castrense foi fortalecida e os militares se viravam contra Gutierrez Mellado, a quem acusavam principalmente de complacente com o terrorismo e a subversão, em suas perspectivas, trava-se de um traidor.

Mas Mellado e Suárez não desistiram do processo de reforma das instituições, e para agilizar o difícil trabalho da comissão, procuraram atenuar alguns receios do que viria a ser o novo órgão: foi definido que o chefe do CESID seria uma militar com patente de general, e que não pertenceria a nenhum dos órgãos que estavam sendo fundidos.

Modo geral esta colocação, bem como a subordinação do novo órgão ao Ministério da Defesa, deixou o Alto Estado Mayor em situação relativamente mais confortável, o que não procederia para a maioria dos membros do extinto SECED, que viam com receio esta dependência. Como destaca Fernandez, receio muito compreensível, uma vez que durante anos esteve sob uma cômoda e rentável subordinação à chefia do Estado, que durante todos aqueles anos não havia imposto mudanças nem a seu caráter militar e nem à excessiva liberdade que gozava[19].

Assim, enquanto os membros dos órgãos de origem ainda lutavam para superar os receios da fusão, o CESID foi estruturado organicamente por meio do Decreto 2.723/77, o qual definiu seus objetivos, mantendo uma mesma estrutura responsável pelas questões internas e externas. Luis Bourgón López-Dóriga foi nomeado seu primeiro chefe e Andrés Cassinelo, quem havia lutado pela sua reforma, foi incorporado ao gabinete da Vice-presidência. O extremismo político, incluídos aí os movimentos *"involucionistas"* de extrema-direita e o terrorismo do ETA, bem como a projeção para o exterior, seriam seus novos objetivos. Vale destacar que Bourgón teria uma percepção muito distinta da de seu antecessor Andrés Cassinelo, e tentaria imprimir uma mudança radical no trabalho exercido pelo órgão. Em primeiro lugar, buscou frear a inserção do centro no mundo da política, uma vez que mesmo antes da promulgação da Constituição, algumas "atividades

[18] MEDINA, Francisco. *Las sombras del Poder. Los Servicios Secretos de Carrero a Roldán.* Madrid, Espasa Hoy, 1995, p.75.

[19] FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p.189.

informativas" já haviam se tornado ilegais. Ou seja, não era mais permitido controlar e manipular os partidos políticos[20]. Mas teve problemas quanto ao outro delineamento, o foco *anti-involucionista.* Bourgón mostrou profundo desacordo com o direcionamento do governo, argumentando que o controle de seus companheiros de arma não faria parte de seu trabalho[21].

Por conta de suas convicções corporativas, Bourgón ficaria no cargo apenas até 1979. Aos 03 de janeiro daquele ano, o governador militar de Madrid foi assassinado pelo grupo ETA. O seu velório se transformou em um campo de batalha entre os que defendiam a democracia e os que não toleravam as mudanças que estavam sendo realizadas. Militares ofenderam diretamente o presidente Suárez e o Ministro da Defesa, Gutierrez Mellado, que mais uma vez foi acusado de traição. Bourgón se recusou a entregar uma lista com o nome dos militares participantes[22]. Pouco tempo depois foram detectadas três células *involucionistas* formadas por militares de alta patente e que contavam com importante apoio financeiro e de alguns políticos monarquistas, descontentes com o estado das coisas, principalmente em relação às ações terroristas provocadas pelo ETA[23]. Bourgón não resistiu à serie de atritos, e foi substituído por Gerardo Mariñas.

No fim dos anos setenta é possível afirmar que a suposta ruptura das estruturas duvidosas do SECED ainda não havia gerado mecanismos eficazes de produção de inteligência. Os meios materiais seriam insuficientes e inadequados para a proposta que estava sendo colocada. As poucas centenas de agentes do CESID se dedicavam aos temas que ocorriam na Espanha, e muito timidamente, tratavam de temas internacionais. Associado a isto estava o fato de que havia ocorrido um importante êxodo de agentes para seus órgãos de origem. Os responsáveis políticos por esta etapa eram conscientes do estado embrionário do órgão enquanto um serviço de inteligência, que em muito difere de um órgão de segurança, responsável por produzir informações para o processo repressivo. Também lamentariam a escassa utilidade das informações ali produzidas[24].

Gerardo Mariñas, seguindo as diretrizes do novo Ministro da Defesa que havia substituído Mellado após a crise anteriormente narrada (o general tornou-se vice-presidente), tratou de estabelecer um direcionamento do centro para as áreas externas. O objetivo era reformar e potencializar os órgãos de inteligência, produzindo uma comunidade de inteligência capaz de coordenar os departamentos de defesa, de assunto interior e exterior. Buscava-se profissionalizar os

---

20 MEDINA, Francisco. *Las sombras del Poder. Los Servicios Secretos de Carrero a Roldán.* Madrid, Espasa Hoy, 1995, p.76.

21 FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p.195.

22 RUEDA, Fernando. *Las Alcantarillas del Poder.* Madrid, La Esfera de lós Libros, 2011, p.34.

23 ALMENARA, Vicente. *Los Servicios de Inteligencia em España: de Carrero Blanco a Manglano.* Arco Press, Madrid, 2010, p.314.

24 FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p.199.

membros e promover maior eficácia e eficiência na produção de informação[25]. Mariñas deu início a um tímido processo de expansão dos agentes espanhóis para algumas partes do mundo, assim como fortaleceu o setor de combate ao terrorismo e a célula anti-involucionista do CESID, mas ficou pouco tempo no cargo, sendo substituído interinamente em 1981, por Narciso Carreras.

Em 1979 Mariñas havia criado uma seção de contra-inteligência de valor estratégico para o país, em um momento em que os interesses das médias e grandes potências estariam direcionados a conhecer e controlar a emergente Espanha, interesses que viriam tanto por parte de aliados ocidentais, como os Estados Unidos (mesmo com o serviço espanhol sendo fortemente influenciado pela CIA), como de inimigos ideológicos, a exemplo da extinta URSS[26]. Para o combate ao ETA encomendou, em 1980, um estudo aprofundado sobre movimentos terroristas que, concluído em 1981, serviria de referência para delimitar a nova política frente ao problema.

Quanto à tarefa de potencializar a célula *involucionista* naquele momento, tratava-se de uma missão quase impossível. A falta de convicção no governo ou na democracia por parte de muitos militares, deixava poucas opções sobre em quem confiar. Mais difícil era recrutar militares dispostos a vigiar seus próprios colegas, até mesmo porque, naquele momento era vedado ao CESID investigar militares e os centros militares. As células *anti-involucionistas* limitavam-se a trabalhar sobre os grupos civis de extrema direita. As divisões de informações do Alto Estado Mayor tinham competência exclusiva para realizar este tipo de investigação, o que seria alterado apenas após a tentativa de golpe de 23 de fevereiro de 1981, conhecido com 23-F.

O início dos anos de 1980 foi marcado por muitos ataques do ETA contra alvos militares, o que aprofundou ainda mais o mal estar no seio das Forças Armadas. Estes ataques fortaleceriam o número de adeptos à tentativa de golpe de estado, que se produziria e que contaria com o apoio de muitos membros do CESID: *"muchos agentes del CESID colaboraron activamente en el intento de que el golpe triunfara con la intención de que Armada presidiera un gobierno de concentración*"[27]. Poucos agentes defenderam abertamente a democracia na Espanha naquele período, e os que fizeram, sofreram perseguições a curto e médio prazo.

Posteriormente à tentativa de golpe, o diretor Interino Narciso Carrera foi substituído pelo tenente-coronel Emílio Alonso Manglano, quem conseguiria promover uma pequena ampliação da célula anti-involucionista, e mudanças que marcariam profundamente a evolução do CESID e a profissionalização de seus membros. Manglano assumiu o órgão com duas missões ordenadas pelo novo presidente Leopoldo Calvo Sotelo (Suárez havia caído meses antes): a de que lhe *"avisara del*

---

25 FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p.195.

26 RUEDA, Fernando. *Las Alcantarillas del Poder.* Madrid, La Esfera de lós Libros, 2011,140.

27 RUEDA, Fernando. *Las Alcantarillas del Poder.* Madrid, La Esfera de lós Libros, 2011, 37.

próximo golpe al menos cuatro dias antes", e que promovesse uma expansão do órgão para os países de maior interesse para a Espanha, a exemplo do Marrocos e a região do Sahara[28]. Estas regiões seriam de interesse imediato para o país, pois eram onde os membros do ETA conseguiam adquirir armas e instalar seus campos de treinamento[29].

Em primeiro lugar, Manglano promoveu uma imediata depuração (a terceira), retirando do centro vários suspeitos de golpismo. Mesmo com a vitória do partido de oposição, o PSOE, ele permaneceu no cargo e tratou de desmontar a antiga estrutura, rodeando o novo Ministro da Defesa Narcís Serra, de generais leais à democracia. O PSOE manteve as prioridades estabelecidas por Suárez e Cotelo: contenção das ameaças internas ao processo de consolidação democrática, combate ao terrorismo separatista, e assentamento do centro em zonas de interesse prioritário[30]. Estas diretrizes visavam, entre outros fatores, favorecer a candidatura de entrada da Espanha na OTAN. Para tanto, várias questões necessitavam mudanças, principalmente o problema da rotatividade dos cargos de direção (entre 1977 e 1981 haviam sido três diretores: Bourgón, Mariñas e Carreras), fortemente criticado pelos serviços estrangeiros. A presença na OTAN requeria estabilidade e confiança por um lado (era necessária uma autoridade nacional responsável por receber as informações classificadas geradas pela organização e um canal estável de comunicação entre a OTAN e o Estado), e presença internacional no outro. Sua entrada estaria condicionada pela necessidade de mudanças em sua política externa e por sua orientação em direção à própria Europa, ao Mediterrâneo e à América Latina.

No período de Manglano o CESID revelou uma tendência a se autonomizar no aparelho de Estado, sobretudo como uma forma de se preservar institucionalmente na dinâmica das mudanças. Foi neste processo também que teve início a resolução de um impasse gerado pela presença militar em um órgão voltado para a inteligência civil. Houve uma transição do caráter dualista do órgão, que de "apoio" ao golpe de 1981, transformou-se efetivamente no responsável pelo processo de desmantelamento do movimento *involucionista*, ao desarticular os preparativos de militares que propunham promover um atentado ao rei e ao primeiro-ministro no dia 02 e junho de 1985, durante a parada militar em La Coruña. Deste modo, com a depuração promovida após a tentativa de golpe de 1981 e o fracasso de La Coruña em 1985, o CESID pode privilegiar seus dois outros objetivos: o terrorismo do ETA, e promover sua expansão externa. Desde 1981 já havia um intenso acompanhamento da banda separatista, sendo a expansão externa seu maior e inovador desafio, a qual representaria sua atuação efetiva como órgão de inteligência.

---

28 FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p.202.

29 RUEDA, Fernando. *Las Alcantarillas del Poder.* Madrid, La Esfera de lós Libros, 2011,129.

30 FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p.206.

Em 30 de maio de 1982 a Espanha entrou para a OTAN, produzindo mudanças profundas no órgão, que iam desde a criação de um canal seguro para a transmissão das informações e o desenvolvimento de técnicas que aprimorasse seu sistema de segurança, ao seu fortalecimento no que diz respeito à capacidade de adquirir informação e produzir respostas, uma vez iniciado seu processo de expansão externa. Para a segurança de suas informações foi criado, ainda em 1982, *a Oficina Nacional de Seguridad.* Outro incremento de suas medidas de proteção ocorreu por meio de sua adesão ao extinto *Coordinating Committee for Multilateral Esport Controls* (COCOM), um comitê do qual participavam praticamente os mesmos membros da OTAN e que, amparados em uma série de acordos informais, regulava a exportação de tecnologia ocidental para os países do leste, suscetíveis de duplo uso[31].

A expansão do CESID era extremamente necessária, uma vez que até 1981 o CESID teria escassos agentes na América-Latina, Europa e no norte da África. Além das novas contratações, sua ampliação internacional crescia na medida em que se desarticulava o movimento *involucionista*, pois mais agentes tornavam-se disponíveis para atuar em outras áreas. Tanto para o CESID quanto para a diplomacia espanhola, América-Latina e Magreb, por extensão o mundo árabe, eram foco de atenção prioritária[32]. Ao largo de 1982, grupos de delegados do SECID foram destinados a quatro países latino-americanos e contaram com apoio da CIA para capacitar seus agentes nos temas concernentes. Participavam de palestras e observavam como seus anfitriões atuavam ante cada uma das diferentes situações que lhes apresentavam. Para entrar no Magreb, buscaram apoio da *Direction Générale de la Sécurité Extérieure* (DSGE) francês, do *Bundesnachrichtendiest* (BND) alemão e, principalmente da agência israelense, *Mossad*[33]. Além da *CIA,* o *Mossad* era um dos órgãos de maior presença na Espanha[34]. Tinha interesse em aumentar sua inserção no país e junto ao novo órgão, pois via com muito interesse as informações sobre os países árabes que a Espanha poderia lhe fornecer em troca de capacitação[35]. Segundo Rueda (2011) e Fernandez (2005), nos anos de 1990, o CESID teria cerca de 90 delegações pelo mundo.

Neste momento a ordem mundial já estava completamente alterada. A queda do muro de Berlin, o desmembramento da União Soviética, o fim do Pacto de Varsóvia, entre outros fatores, desfiguraram o antigo inimigo e trouxeram à tona uma realidade multipolar. A assimetria dos novos

---

31 FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p.251

32 RUEDA, Fernando. *Las Alcantarillas del Poder.* Madrid, La Esfera de lós Libros, 2011, 140.

33 MEDINA, Francisco. *Las sombras del Poder. Los Servicios Secretos de Carrero a Roldán.* Madrid, Espasa Hoy, 1995, p. 168.

34 GRAU, Anna. *De como La CIA elimino a Carrero Blanco y nos metió en Irak.* Madrid, Editorial Destino, 2011, p.34.

35 URBANO, Pilar. *Yo entré enel CESID.* Madrid, Plaza & Janés, 1997, p.59.

inimigos, como o narcotráfico, o crime organizado, as migrações massivas, lavagem de dinheiro etc., criaram novos desafios aos sistemas de defesa e segurança de todo o mundo.

Um dos eventos que marcaria significativamente a ruptura da dependência da inteligência espanhola, sobretudo em relação à CIA, ocorreria durante a Guerra do Golfo, quando o SECID deixaria de ser considerado como um serviço voluntarioso e passaria a ser tratado como igual por seus pares. Para surpresa de muitos, o conflito instalou-se dia 02 de agosto de 1990, com a invasão do Kwait pelo Iraque. Após uma reorganização de pessoal, que inclui convocação de pessoal em férias, transferências e deslocamentos, em 09 de agosto a Espanha já havia montado uma célula de crise. Analistas especializados em Oriente Médio, especialistas em informática, engenheiros de comunicações, tradutores, economistas, psicólogos etc., começaram a preparar informes[36]. Nestes informes constariam informações sobre a distribuição militar, as repercussões econômicas, as consequências que a crise poderia produzir na Espanha e nos países ocidentais e árabes, assim como seguimento psicológicos dos principais líderes envolvidos[37].

A Espanha também se destacou neste conflito ao constituir-se, por meio de seu diretor, em importante intermediário, que trataria de questões delicadas entre os países aliados e os líderes iraquianos, bem como pela qualidade das informações produzidas por suas redes implantadas no Oriente Médio e no norte da África[38]. Estes fatores, somados à incorporação de navios da Armada Espanhola à frota que vigiava o cumprimento do bloqueio ditado pela ONU contra o Iraque, supôs uma mudança radical na orientação dos trabalhos dos oficiais do CESID. Um refinamento dos informes, que de generalistas passaram a atender aos pedidos do governo e das necessidades impostas pelos Ministérios da Defesa e do Exterior.

Outra situação fortaleceria as bases da nova inserção espanhola no exterior. A instabilidade produzida na Europa Oriental, viabilizada pelos movimentos nacionalistas e religiosos, forçaram a expansão espanhola para o leste europeu. Em 1991, quando Eslovênia e Croácia declaram sua independência, o governo espanhol, que já havia apresentado sua candidatura ao Conselho de Segurança da ONU, e que desejava ter um papel cada vez mais ativo junto à Comunidade Europeia e à OTAN, exigiu de seus agentes o máximo de informações possível. Preocupava-lhes a ameaça de uma crise interna naqueles países que pudesse gerar refugiados e produzir uma imigração massiva para o país. A Espanha queria informações confiáveis e desta forma fortaleceu cada vez mais sua independência em relação aos serviços de inteligência das potências ocidentais.

---

36 MEDINA, Francisco. *Las sombras del Poder. Los Servicios Secretos de Carrero a Roldán.* Madrid, Espasa Hoy, 1995, p. 237.

37 MEDINA, Francisco. *Las sombras del Poder. Los Servicios Secretos de Carrero a Roldán.* Madrid, Espasa Hoy, 1995, p.236.

38 FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p.243.

Paralelamente, o governo seguia conquistando vitórias no campo interno, quando conseguiu desarticular o grupo Terra Lliure, que lutava para conseguir a independência da Cataluña. Nos preparativos de segurança para os Jogos Olímpicos de 1992, o grupo foi totalmente desmantelado a partir da infiltração de um agente do CESID.

Mas não só de flores viveu o órgão neste período. Em 1991 o responsável pelo Departamento de Ações Operativas (DAO), Alberto Perote, foi exonerado de seu cargo e levou consigo 1.245 documentos classificados, que a partir de 1992 passou a vazar para a imprensa, como forma de abalar a administração do PSOE. Neste período a agência seria constante alvo de "*aparición de noticias en los medios de comunicación que desvelaban sus comportamientos irregulares o simplemente ilegales, y las contraacusaciones directas o indirectas del Ministro de la Defensa e el Gobierno*"[39]. O governo denunciava a existência de agentes que estariam vazando noticias com o único propósito de provocar danos ao próprio Centro. Manglano sobreviveria a estes escândalos até que em 1995 foram vazadas informações de que o SECID teria realizado escutas das conversas do rei Juan Carlos. Desta vez caem, não apenas o diretor do órgão, como o ministro da Defesa, Julián Garcia Vargas, e o próprio vice-presidente Narcís Serra, ex-responsável pela pasta da Defesa.

Desta forma em 1995, com a saída de Manglano, o novo diretor Félix Miranda e seu secretário-geral Jésus Olmo, aceleram a elaboração de um estatuto para o pessoal do SECID que buscava claramente limitar os direitos dos agentes e evitar novos vazamentos. A agência viveu a pior crise de sua história. Sem conhecer o conteúdo dos documentos subtraídos, o CESID se paralisou e caiu no ostracismo. Era o fim da Era Manglano.

A respeito desta "Era" é possível afirmar que a Espanha mudou sua presença no mundo em termos de inteligência, forçando seu processo de aperfeiçoamento. Paralelamente à expansão internacional que tem início no princípio dos anos de 1980, e impulsionado pela paulatina redução do movimento *involucionista,* Manglano procurou potencializar sua área de contra-inteligência, segurança tecnológica e inteligência exterior, face sua integração junto à OTAN. Além destes objetivos técnicos, o plano também possuía seus fins políticos. Era preciso reordenar as missões e capacidades do órgão, tarefa que nem Suárez, nem Cotelo ou Gonzalez haviam conseguido[40]. Neste sentido, Manglano promoveu profundas alterações, que tiverem início com a conversão do SECID em um órgão de informação vinculado à Presidência, ainda que dependente em termos organizacionais do Ministério da Defesa[41], e cuidou de adquirir autonomia em termos de produção

[39] RUEDA, Fernando. *Las Alcantarillas del Poder.* Madrid, La Esfera de lós Libros, 2011, 172.
[40] NUMERIANO, Roberto. *Serviços secretos: a sobrevivência dos legados autoritários.* Recife, Editora UFPE, 2007, p.231.
[41] FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Alianza Editorial, 2005, p 225.

de inteligência, o que causou uma crescente independência em relação à CIA, atingindo a agência estadunidense no que ser referia tanto ao apoio que o SECID lhe demandava, em termos de formação e produção de tecnologia, quanto implicou uma limitação na atuação dos agentes norte-americanos no solo Espanhol:

> España deja de ser un sitio donde cualquier idiota puede ganarse la vida como agente de la CIA y ponerse a taladrar la pared de un hotel de Madrid para endosarle un micrófono a un prominente huésped árabe. En lo sucesivo tendrán que mandar personal que hile mucho más fino"[42].

A partir de então o CESID produziria a informação que lhe era necessária, e quando "*lo creían conveniente*", a compartilhariam com os norte-americanos[43].

Neste período também é possível afirmar que houve um esvaziamento do órgão como espaço de luta política. As depurações e auto-depurações realizadas no órgão, associadas às definições de objetivos e políticas de pessoal empreendidas por Manglano, conduziram a um progressivo afastamento de militares no controle do órgão em seus variados níveis. Segundo Numeriano (2007), tratar-se ia de uma *despolitização* similar à processada pelas forças armadas a partir do início da transição[44].

A expansão internacional da Espanha teria sido viabilizada justamente pela superação da inércia provocada pelo crescimento desordenado da atividade na democracia, quanto pela superação desta rivalidade entre agências, que deu passagem à cooperação[45]. A partir clara definição das missões do órgão, e o fim da sobreposição de funções entre as diversas agências de inteligência, que a partir de então não teriam que disputar as mesmas missões e orçamento, não apenas foi viabilizada a cooperação entre os distintos órgãos, como o SECID se deslocou para o centro do sistema de inteligência espanhol.

---

42 GRAU, Anna. *De como La CIA elimino a Carrero Blanco y nos metió en Irak.* Madrid, Editorial Destino, 2011, p.339.

43 RUEDA, Fernando. *Las Alcantarillas del Poder.* Madrid, La Esfera de lós Libros, 2011, 59.

44 NUMERIANO, Roberto. *Serviços secretos: a sobrevivência dos legados autoritários.* Recife, Editora UFPE, 2007, 231.

45 FERNANDEZ, Antonio M. Díaz. *Los Servicios de inteligencia españoles. Desde la guerra civil hasta el 11-M. Historia de una transición.* Madrid, Albianza Editorial, 2005, p.236.